

Futebol e política se misturam: na trincheira das lutas contra o autoritarismo

Football and politics mix: in the trench of struggles against authoritarianism

El fútbol y la política se mezclan: en la trinchera de las luchas contra el autoritarismo

OSMAR MOREIRA DE SOUZA JUNIOR¹

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, UFSCAR, SÃO CARLOS-SP, BRASIL

RESUMO

O presente ensaio pretende problematizar o mito de que o futebol seja um espaço de alienação política e de que futebol e política não se misturam. Partindo da crítica a posicionamentos contrários ao diálogo entre estas duas esferas, procuro discutir a condição do futebol enquanto linguagem universal e a singularidade de sua margem narrativa improdutiva, como constituintes de sua potência como agente de mobilização das juventudes. Discuto ainda a emergência de movimentos como as mobilizações de torcedores antifascistas e sua importância na disputa de narrativas para a resistência contra projetos autoritários, obscurantistas, antidemocráticos. Neste sentido, superando o binarismo do dilema entre veneno ou remédio, considero que a mistura entre futebol e política é necessária em uma sociedade que incorpora esta prática social em sua identidade nacional e que anseie preservar os pilares do estado democrático de direito em meio à escalada de discursos autoritários.

Palavras-chave: Futebol. Política. Democracia. Linguagem.

ABSTRACT

This essay aims to discuss the myth that football and politics do not mix, and that football is a space of political alienation. Starting from the criticism of positions contrary to the dialogue between these two spheres, I try to discuss the condition of football as a universal language and the singularity of its unproductive narrative margin, as constituents of its power as an agent of youth mobilization. I also discuss the emergence of movements such as the mobilizations of anti-fascist fans and their importance in the dispute of narratives for resistance against authoritarian, obscurantist and anti-democratic projects. In this sense, overcoming the binary of the dilemma between poison or medicine, I consider that the mix between football and politics is necessary in a society that incorporates this social practice in its national identity and that wishes to preserve the pillars of the democratic state amid the escalation of the authoritarian speeches.

Keywords: Football. Policy. Democracy. Language.

RESUMEN

Este ensayo tiene como objetivo problematizar el mito de que el fútbol es un espacio de alienación política y que el fútbol y la política no se mezclan. Partiendo de la crítica de posiciones contrarias al diálogo entre estas dos esferas, trato de discutir la condición del fútbol como lenguaje universal y la singularidad de su margen narrativo improductivo, como componentes de su poder como agente de movilización juvenil. También discuto el surgimiento de movimientos como las movilizaciones de fanáticos antifascistas y su importancia en la disputa de las narrativas de resistencia contra proyectos autoritarios, obscurantistas y antidemocráticos. En este sentido, superando el binarismo del dilema entre veneno o medicina, considero que la mezcla entre fútbol y política es necesaria en una sociedad que incorpora esta práctica social en su identidad nacional y que desea preservar los pilares del estado democrático de derecho en medio de la escalada de los discursos autoritarios.

Palabras clave: Fútbol. Política. Democracia. Lenguaje.

¹ Professor Adjunto no Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH) da UFSCar, coordenador e professor do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), polo UFSCar. E-mail: osmar.ufscar@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2915-5634>.

ENSAIO

Os mitos de que o futebol é um espaço de alienação política e de que futebol e política não se misturam, precisam ser problematizados. É certo que muitas pessoas ligadas ou não ao campo esportivo não se interessam ou até repudiam as relações do futebol com a política, mas daí até assumirmos que estes dois campos não se misturam existe uma longa distância. Frases como “o futebol é o ópio do povo” e “política, futebol e religião não se discutem” estão impregnadas no imaginário social, mas será que é isso mesmo? O futebol é alienante? Futebol e política não se discutem?

O debate sobre esta suposta condição alienante do futebol, ganha força no Brasil com a instauração da ditadura militar após o golpe de 1964. De acordo com José Paulo Florenzano (2009) a interpretação teórica do futebol como veículo de alienação é alimentada por uma corrente de pensamento que tem como um de seus principais expoentes Roberto Ramos, com sua proposição emblemática: “O futebol age como sedativo, de gosto e efeitos alienantes” (RAMOS, 1984, p. 67). Segundo esta corrente, tomado como “ópio do povo”, o futebol, administrado em doses abundantes, teria o efeito de apaziguar e narcotizar as camadas populares, conferindo-lhes a válvula de escape para suportar a repressão política e as tensões dramatizadas na rotina de trabalho.

Em que pese a tentação de assumir esta tese como chave interpretativa para compreendermos as relações pouco republicanas entre o governo militar e as instituições e fenômenos sociais, não podemos perder de vista a condição polissêmica e autônoma que caracteriza historicamente o futebol. Florenzano (2009) afirma que ao revisitarmos a tese do futebol como ópio do povo, somos confrontados por uma significação social imaginária que, “[...] antagônica à visão de mundo imposta pelo regime militar, escapava-lhe ao controle, driblava a linha defensiva do aparato repressivo e alcançava as camadas populares, propagando-se, através delas, pelos diversos coletivos de atletas” (p. 26). Neste sentido, o autor defende a antítese ao ópio do povo, segundo a qual a seleção brasileira de 1970 representou uma experiência de autonomia que não se coadunava com os ideais propagados pelo regime ditatorial.

Retomando e atualizando o discurso dos emissários que se dizem preocupados com a suposta condição alienante do futebol, penso que seja didático analisar os posicionamentos de dois destacados jornalistas com grande poder de comunicação em decorrência da abrangência da emissora televisiva em que atuam.

Em 2018, o comunicador Tiago Leifert assinou uma coluna na revista *GQ Brasil* em que se diz contrário à manifestação política no universo esportivo. O título da matéria por si só já diz muito sobre seu conteúdo: “Evento esportivo não é lugar de manifestação política” (LEIFERT, 2018). O texto consiste em um artigo de opinião, no qual o jornalista traz uma série de argumentos para sustentar sua tese, que vai de alusões à corrupção em eventos esportivos, à demissão do jogador de futebol americano Colin Kaepernick da NFL (*National Football League*, a liga profissional de futebol americano dos Estados Unidos), por suas manifestações de protesto contra o tratamento violento de policiais para com a população negra nos Estados Unidos.

Sempre fazendo juízo de valor sobre estas cenas, Leifert reforça seus comentários com frases de impacto tais como: “Quando política e esporte se misturam dá ruim”, “[...] basta olhar nossos últimos grandes eventos para entender que essas duas substâncias não devem ser consumidas ao mesmo tempo”, “Olhando por todos os lados, não vejo motivos para politizar o esporte”, “Não acho justo ele hackear esse momento, pelo qual está sendo pago, para levar adiante causas pessoais”.

Penso que este seja um bom ponto de partida para escrever um ensaio sobre futebol e política. Quando Leifert diz não achar justo o jogador *hackear* o momento

“[...] pelo qual está sendo pago, para levar adiante causas pessoais”, ele está se referindo aos protestos de Kaepernick e traz alguns simbolismos muito significativos, afinal de contas, quando ele diz *hackear*, está imputando ao atleta uma espécie de crime, que estaria ligado a uma suposta quebra de contrato social (mais do que isso, comercial) com o consumidor que paga por seu serviço. A interpretação do episódio como uma simples “relação de prestador de serviço-consumidor” esvazia de subjetividade e desumaniza sobremaneira o espetáculo esportivo. Mas, o que vejo como mais grave, ainda estaria por vir, pois ele complementa seu “julgamento moral” (“não acho justo” foram os termos usados pelo autor) afirmando que o atleta estaria cometendo este “delito” para levar adiante causas pessoais.

Protestar contra a violência policial na abordagem a pessoas negras são as suas causas pessoais? Não, estas são causas sociais, estamos tratando de direitos humanos. O desfecho do caso pode até ter seu tom de melancolia, na medida em que as represálias e boicote por parte das franquias e da própria liga, resultaram na perda do direito do atleta atuar profissionalmente. No entanto, seu engajamento na campanha “*Black Lives Matter*” (Vidas Negras Importam) sensibilizou uma série de outros atletas e celebridades e segue cada vez mais viva, como mostram os protestos que se espalharam pelos Estados Unidos e por todo o mundo, após o assassinato brutal do cidadão negro George Floyd, por um policial branco, no dia 25 de maio de 2020, em Mineápolis, Estados Unidos (REDAÇÃO, 2020a; 2020b). Ser contra este tipo de manifestação política nos alinha com a censura, o obscurantismo, o autoritarismo.

Este tipo de posicionamento tem sido reafirmado no meio futebolístico, seja pela atitude de não se pautar o debate político, seja pela patrulha contra os posicionamentos, como a expressada no artigo de Leifert, ou em outro episódio protagonizado por seu companheiro de emissora televisiva, o ex-futebolista Caio Ribeiro. No programa *Redação SporTV*, exibido pelo canal por assinatura *SporTV* no dia 30 de abril de 2020, o comentarista Caio criticou o dirigente do São Paulo Futebol Clube e também ex-futebolista Raí – irmão do saudoso Sócrates, um dos artífices do movimento que ficou conhecido como Democracia Corinthiana – pelo mesmo ter se manifestado contra a gestão do presidente da República Jair Bolsonaro, em meio à pandemia de coronavírus no país, em uma entrevista concedida ao programa *Globo Esporte da Rede Globo*, naquele mesmo dia.

Afirmou o comentarista Caio Ribeiro:

Eu não gostei do discurso do Raí, porque ele falou muito pouco de esporte e falou muito sobre política. Ele, por mais que ele fale que é a opinião pessoal dele, ele hoje é o homem forte do São Paulo e as declarações e opiniões que ele emite respingam na instituição. Eu acho que ele tem que falar de esporte. Na hora que ele fala de renúncia, dos hospitais públicos e tudo isso, me parece que ele tem conotações políticas em relação a preferências (LANCER, 2020a).

Em ato contínuo, Walter Casagrande, companheiro de emissora de Caio – também um dos artífices da Democracia Corinthiana – não se furtou de expressar seu posicionamento diametralmente oposto ao do colega.

Casagrande escreveu em suas redes sociais:

Eu penso exatamente como o Raí. Sou contra a volta do futebol, neste momento. Todos os dias, as mortes aumentam no país. É um absurdo pensar nisso. Já falei diversas vezes sobre esse assunto. Numa democracia, todas as pessoas podem e devem expressar suas opiniões sobre qualquer assunto, independentemente da sua profissão. Representou com orgulho o irmão

Sócrates. Ninguém pode querer censurar a fala do outro e determinar qual o assunto que se pode falar. Isso, no meu entender, é antidemocrático (LANÇE, 2020b).

O posicionamento incisivo de Casagrande contrasta com o deserto político que historicamente tem composto a paisagem do futebol brasileiro. A formação política de Casagrande teve como escola o movimento da Democracia Corinthiana. De acordo com Martins e Reis (2014), o movimento emergiu no Sport Club Corinthians Paulista, no contexto dos embates pela democratização do país. Segundo as autoras, essa experiência incluía, dentre outros aspectos, o protagonismo dos jogadores do clube nas negociações de direitos referentes às suas próprias condições de trabalho e a participação de alguns deles nas lutas pela redemocratização do país, no movimento político das “Diretas já”.

A Democracia Corinthiana pode ser entendida como elemento de questionamento do autoritarismo e do paternalismo no futebol, na medida em que servia como espaço de contraponto à hierarquização presente na arena esportiva, que impedia que o jogador pudesse comandar a própria vida. Para o jogador Sócrates, uma das principais lideranças da experiência aqui tratada, essa possibilidade se apresentava como inédita, já que o jogador de futebol podia constituir-se enquanto cidadão (MARTINS; REIS, 2014, p. 431).

Na Democracia Corinthiana os significados de democracia abarcavam tanto as lutas pelos direitos dos jogadores exercerem sua profissão com dignidade quanto o engajamento político dos jogadores em um projeto de sociedade mais justa para todos/as.

Embora experiências deste tipo sejam raras, sobretudo no contexto do futebol brasileiro, podemos identificar outros ensaios de experiências democráticas, como o movimento Bom Senso F.C. arquitetado em 2013 por um grupo de jogadores de diversos clubes do país que reivindicavam melhores condições, a partir do *slogan*: “Bom Senso F.C., por um futebol melhor para quem joga, para quem torce, para quem apita, para quem transmite, para quem patrocina” (BSFC, 2014). Assim como a Democracia Corinthiana, o Bom Senso F.C. sofreu uma série de pressões, marcadas por sanções aos jogadores com maior protagonismo, que culminaram com o seu encerramento três anos após o surgimento.

No cenário internacional, o ativismo político no meio esportivo já é mais comum. A capitã da seleção estadunidense de futebol é um bom exemplo deste tipo de militância. Megan Rapinoe, além de liderar sua seleção na conquista do mundial realizado na França em 2019, também liderou uma campanha por tratamento igual entre homens e mulheres no futebol de seu país, lançando a campanha “*equal pay isn't a game*” (salário igual não é um jogo) (LAGES, 2020) que tomou conta das arquibancadas naquela Copa do Mundo. Além da luta pela igualdade de gênero no futebol, a atleta, assim como Kaepernick, adotou o gesto de ajoelhar-se em campo na execução do hino nacional americano, como protesto pela brutalidade policial e ainda toma frente em protestos dos movimentos LGBT.

É preciso debater o fato de que não é a opinião de comunicadores/as, esportistas ou aficionados/as que estabelecem as diretrizes para que as manifestações esportivas sejam ou não palcos de discussões e expressões políticas. O simples fato de se pautar a discussão do lugar ou não lugar da política no futebol nos diz muito sobre isso, afinal de contas estamos politizando o fato, ou melhor, criou-se um fato político.

O silenciamento da discussão política, como alertou Casagrande, flerta com a censura de regimes autoritários, estando no cerne da derrocada dos regimes democráticos, conforme descrevem os professores da Universidade de Harvard, Steven

Levitsky e Daniel Ziblatt, no *best seller* “Como as democracias morrem” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018).

A defesa da liberdade de expressão, como um dos pilares dos regimes democráticos, nunca esteve tão em moda como nos dias de hoje. Enquanto escrevo este ensaio, tramita no parlamento brasileiro um projeto de lei sobre as *fake news* (BRASIL, 2020a), que divide opiniões sobre a necessidade ou não de se colocar limites, controlar e/ou proibir aquilo que se publica e compartilha na internet.

Trazendo um pouco dessa discussão para a esfera do futebol, poderíamos ficar tentados a abraçar a defesa de argumentos que sustentam a necessidade de um maior controle em relação às alianças que o meio estabelece com o campo político, no entanto, é preciso agir com alguma parcimônia para que não nos deixemos seduzir pela tentação de colocar limites nos discursos que representem algum tipo de ameaça ao “nosso modo de vida”.

Defenderei sempre o bom debate político, dentro dos limites garantidos pela atuação plena dos três poderes e de seus respectivos papéis para a manutenção do sistema de freios e contrapesos do regime democrático. Mesmo quando a mistura do futebol com a política “der ruim”, como afirmou Tiago Leifert, a censura não me parece ser o melhor caminho. A solução sempre precisará vir por meios democráticos e republicanos.

Vamos a um exemplo de quando a mistura “dá ruim”. Em ensaio publicado no *Nexo Jornal* do dia 08 de julho de 2020, o repórter e pesquisador Helcio Herbert Neto, discorre sobre a aliança articulada entre o presidente Jair Bolsonaro e dirigentes de clubes brasileiros que, segundo o autor, teria conferido sustentação política em meio à crise e às suspeitas que pairam sobre o governo federal.

Segundo Herbert Neto (2020), antes mesmo da posse, o agora presidente selava seu acordo com esportistas que apoiaram a sua campanha. Ao participar da entrega da taça do Campeonato Brasileiro de futebol masculino de 2018 ao Palmeiras, formava-se a conexão das aspirações políticas de Bolsonaro com setores do futebol, que se manteria intacta mesmo com a pandemia do novo coronavírus. A aliança contribuiu para a antecipação do retorno do Campeonato Carioca de 2020, contrariando as orientações sanitárias, e motivou encontros públicos de representantes de clubes com membros do governo, em Brasília.

Em 30 de junho de 2020, um grupo de dirigentes de oito clubes visitou o presidente da república para demonstrar apoio à Medida Provisória nº 984 (BRASIL, 2020b), que altera regras sobre os direitos de transmissão de eventos esportivos, assinada por Bolsonaro (CARDOSO, 2020).

Se dirigentes de clubes oferecem sustentação à gestão do governo federal, a oposição no campo esportivo manifesta-se de distintas formas, dentre as quais é preciso colocar em relevo os protestos antifascistas protagonizados por torcedores/as de futebol, que, ao menos temporariamente, deixaram de lado as rivalidades dramatizadas nas arquibancadas para ocupar a mesma trincheira na luta pela democracia.

As manifestações antifascistas que tomaram a Avenida Paulista, no final de maio e início de junho de 2020, trouxeram para as ruas a performatividade estética e simbólica engendrada nas arquibancadas, agora materializada nas ruas, articulando o futebol aos movimentos pela democracia.

É importante considerar, no entanto, que a acomodação de rivalidades históricas nessa trincheira não se concretiza sem tensões das mais distintas naturezas. O depoimento do torcedor palmeirense Gabriel Santoro expõe o conflito que precede e acompanha as manifestações:

Não é verdade que o clima estava amistoso na primeira manifestação pela democracia, na Avenida Paulista. Nós, palmeirenses, sentimos a tensão. Antes de sair de casa, vesti uma jaqueta azul por cima da camisa do Palmeiras e encontrei amigos por volta de 11h, na Paulista. Caminhamos separados até o MASP e, quando lá chegamos, havia alguns corintianos. Muitos olharam torto. Pensei então que, se fomos lá para marcar posição pela democracia, era hora de encarar estes olhares. Tirei a minha jaqueta e aos poucos também mostramos outras camisas [...] Até que chegou o bonde gigantesco com uns 600 corintianos. Nem deu tempo: já vieram cobrar explicação da gente. ‘Causa única, contra governo totalitário’, respondemos. Eles entenderam, ficaram cada um na sua, mas, entre os 600, tinham muitos caras ‘de pista’, conhecidos de tretas de organizada, que ali estavam mais para pegar palmeirenses do que para gritar pela democracia. Estes deixaram o clima azedo. [...] Importante dizer que, do nosso lado, não tinha polícia. Então, se rolasse uma treta, quem apanhasse ficaria por isso mesmo. Só que esse clima mudou quando o confronto com a polícia começou. [...] Nosso grupo se dissipou na hora das bombas. Quando vi, estava sozinho com vários corintianos ao redor, um cara da Independente e gente que aderiu ao movimento na hora, como entregador de comida e morador de rua. Nosso bloco ficou reforçado e assim acabou a tensão entre nós. Colocamos nossas energias contra a polícia. Depois disso, aí sim, o clima ficou ameno; estávamos na mesma pegada (Gabriel Santoro, 37 anos, design e antifa palmeirense que participou da manifestação a favor da democracia, em 31 de maio de 2020) (GRILO; NINA; IAMIN, 2020a).

O relato de Gabriel confere ainda mais relevância à premência da articulação entre o futebol e a política na luta pelos direitos sociais. Acostumados a proibições sistêmicas, grupos de torcedores/as oriundos/as das camadas empobrecidas, que muitas das vezes estabelecem suas primeiras aproximações com o poder público por meio da polícia militar, passam a identificar no Estado um meio de repressão de sua forma de se expressar e de existir. Amigos/as ou inimigos/as íntimos/as das arquibancadas, com diversas ramificações, estes/as torcedores/as precisaram primeiro desafiar a ameaça do contágio pelo coronavírus e ao mesmo tempo as desavenças clubísticas. Todos estes desafios precisaram ser superados, pois uma oposição ativa e coordenada passou a ser o campo de disputas, unindo estas diferentes cores em uma só torcida. É neste sentido que corroboro a tese levantada pelo professor Flávio de Campos:

Uma identidade clubística se colocou na Avenida Paulista. Grupos rivais, com identidades diversas, compartilhando o mesmo espaço e um programa político comum: a defesa da democracia e o combate ao fascismo. [...] A diversidade deles, em cores e representatividade, contrasta com o agrupamento homogêneo das pessoas de amarelo pró-governo. A despeito das rivalidades, foi construída pelo futebol uma plataforma de democracia (Flávio de Campos, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo) (GRILO; NINA; IAMIN, 2020a).

Do estádio para as ruas temos, portanto, uma representação de um processo político que extrapola as dimensões do torcer ou do espetáculo futebolístico. Torcer por um clube, mais do que um processo de socialização, adquire também uma conotação política. Identificar-se ou repudiar alinhamentos políticos de jogadores/as, treinadores/as ou dirigentes de clubes faz parte deste jogo. Nas arquibancadas circulam discursos que

expressam e constroem visões de mundo². Torcer por um clube de futebol, para muitos/as dos/as brasileiros/as pode representar o acesso à vida pública.

De acordo com Roberto DaMatta (2006), no processo de socialização brasileiro, embora haja “[...] um controle muito grande dos pais sobre os filhos, dos mais velhos sobre os mais novos e dos homens sobre as mulheres, a escolha do time de futebol é obrigatória, mas deixada livre e ao sabor dos desejos individuais” (p. 161). A escolha do time de futebol, segundo o autor, poderia ser tomada como uma primeira definição de identidade de forma mais ampla, fora das agências promovidas pela família:

[...] é o “futebol”, entendido como um fato social total no sentido maussiano do termo, a agência que abre a primeira porta para o mundo público. Esse mundo da rua marcado e definido pela impessoalidade dura da economia, do mercado e da lei. É sem dúvida o “futebol” como uma categoria social genérica e difusa: como um emblema, cores, camisa e, obviamente, certos jogadores, que nos conecta ao mundo público numa dimensão que é a um só tempo, nacional e cívica (DAMATTA, 2006, p. 162).

Embora um tanto romantizada, não deixa de ser reveladora a compreensão do antropólogo Roberto DaMatta a respeito do futebol, como uma das primeiras experiências políticas dos brasileiros e, nem sempre com a mesma intensidade, para as brasileiras. Em que pese o fato do esporte e, sobretudo o futebol, se constituir historicamente como uma das principais áreas de validação da masculinidade, uma vez que carrega uma série de sentidos que se tornaram expressão cultural dos valores masculinos tradicionais (DUNNING, 2003), sempre houve algum tipo de resistência e tensionamento por parte das mulheres e a presença delas tanto nos gramados quanto nas torcidas é cada vez mais acentuada.

Aliás, esta presença feminina precisa ser tomada como outro ingrediente de tensionamento das diferenças que demandam elaboração para a consolidação de uma frente ampla de resistência antifascista pelo futebol. Retomando o episódio da Avenida Paulista, não podemos perder de vista que mulheres, torcedoras ou não, demarcaram território nos protestos antifascistas. Além do coronavírus, da repressão da polícia militar e dos manifestantes bolsonaristas (com “escolta policial”), elas também precisaram enfrentar o machismo que emergia das próprias fileiras.

A empresária Dadá Guanam, de 38 anos, com histórico de duas décadas de militância em uma torcida organizada do Corinthians ocupava esta trincheira e relata um episódio que evidencia o legado do patriarcado que orienta a visão de mundo machista daqueles que se juntavam na luta pela democracia. Durante a passeata, Dadá e suas parceiras se posicionaram na linha de frente do grupo que caminhava pela Avenida Paulista, deram os braços e formaram um cordão de isolamento.

“Em certo momento, ouvi um cara atrás dizer: ‘Quem são essas minas aí na frente? Não é perigoso, não?’”, conta Dadá. “Na hora, eu virei e disse: ‘Quer ficar do meu lado, irmão?’. Aí um outro homem precisou afirmar que iríamos permanecer ali para legitimar a nossa presença na frente do coletivo” (GRILLO; NINA; IAMIN, 2020b).

Nossa participação como mulher no ato foi importante, sim. Mas, na minha opinião, são duas disputas políticas diferentes. Acho que o momento da mulher combater alguma coisa dentro das arquibancadas, das torcidas, seja onde for, é em outro lugar, em um outro momento. É importante a mulher

² O conceito de visão de mundo diz respeito ao “[...] quadro que os sujeitos de uma determinada cultura elaboram das coisas como elas são na simples realidade, seus conceitos de si mesmos e de aspectos da sociedade em que vivem” (GEERTZ, 1989, p. 93).

presente ali, atuando, a torcedora presente pela democracia. E mostrar que estávamos lá na hora do combate, na linha de frente, para depois levar a pauta lá pra dentro da torcida, para que, depois, possamos debater. É uma coisa a ser registrada lá dentro. Foi extremamente importante as mulheres estarem ali naquele cordão, na linha de frente do movimento. Foi forte para a nossa luta particular também e isso deve servir como argumento. Espero que as minas que lá estiveram entendam que essa nossa presença deva ser usada em favor delas dentro do estádio. Embora eu lute contra isso, sinto que é tão difícil de eu falar sobre a repressão sofrida pela mulher [em torcidas organizadas]. Mas isso é comigo, que já estou há 20 anos em uma torcida. Mas eu não tenho muito embate com diretoria. Sempre houve muito diálogo (Dadá Guanam, 38 anos, torcedora organizada corinthiana que participou da manifestação a favor da democracia, em 31 de maio de 2020) (GRILO; NINA; IAMIN, 2020b).

As disputas políticas, conforme se observa nas falas do torcedor e da torcedora, e podemos atestar pelas representatividades e pautas presentes nos atos, se concretizam em diversos campos interseccionados³. Não se pode perder de vista que os protestos da Avenida Paulista também abraçaram uma pauta antirracista, motivada, sobretudo, pelos protestos contra o assassinato de George Floyd, que se espalhavam por todo o mundo naquele período.

A colocação do futebol neste “tabuleiro de disputas políticas” não deve ser entendida como um episódio fortuito. Para compreender melhor esta potência do futebol nas lutas pela resistência ao autoritarismo é preciso revisitar sua condição de “linguagem universal”.

Na segunda parte de sua obra “A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura”, o historiador Hilário Franco Júnior (2007) aborda o futebol como metáfora do mundo contemporâneo, estruturando esta abordagem em seções que contemplam as metáforas sociológica, antropológica, religiosa, psicológica e linguística.

Ao cotejar a metáfora linguística, Franco Júnior (2007) considera importante tomar como ponto de partida a delimitação entre linguagem e língua. Enquanto a língua refere-se ao “[...] sistema de comunicação por meio de palavras, faladas e/ou escritas, que servem de expressão comum a determinado grupo” (p. 348), a linguagem é “[...] qualquer sistema que permite representação do pensamento, seja por meio de signos sonoros, gráficos, gestuais ou lógicos” (p. 348). Neste sentido, para o autor, não há dúvidas de que o futebol é uma linguagem, afinal possui morfologia, semântica e sintaxe próprias.

O acesso ao mundo público pelo futebol, portanto, nos impõe a exigência da decodificação desta linguagem universal. Torcer por um clube, neste sentido, tanto pode representar a incorporação de valores como a solidariedade, a empatia, a camaradagem e o respeito, como alinhar-se com ideais obscurantistas tais como racismo, homofobia, misoginia, elitismo, xenofobia etc. As visões de mundo também se constroem a partir da linguagem do futebol e, assumindo sua condição polissêmica, faz-se necessário trazê-lo para o centro dos debates, com vistas a abarcarmos a sua pluralidade de sentidos e interpretarmos, de maneira crítica e autoral, o léxico e as semânticas que ele carrega.

³ “A proposta de trabalho com a categoria interseccionalidade é oferecer ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades. É importante destacar que já não se trata da diferença sexual nem da relação entre gênero e raça ou gênero e sexualidade, mas da diferença, em sentido amplo, para dar cabida às interações entre possíveis diferenças em contextos específicos” (PISCITELLI, 2008, p. 266).

Segundo Florenzano (2009), é preciso romper com a linearidade causal entre a política e o esporte, que desconsidera a complexidade do universo simbólico do futebol, fenômeno polissêmico por excelência, porque sua amplitude nos permite incorporar, ao imaginário da bola, os ideais, os valores e as práticas que servem de força motriz “[...] no combate contra a exploração econômica, a discriminação racial ou a dominação masculina” (p. 28).

O silenciamento do debate político no campo esportivo empobrece o discurso popular, tendo em vista que esvazia o conteúdo ético desta linguagem. Retirando de pauta o debate sobre o conteúdo ético da linguagem, incorre-se no risco de naturalizar-se o discurso de ódio como *modus operandi*, legitimando formas de expressão e opressão como o racismo recreativo⁴ (MOREIRA, 2019) nos estádios e nas trocas jocosas homofóbicas e misóginas peculiares ao universo futebolístico.

Neste sentido, a mobilização de discursos e micro estratégias de resistência faz-se necessária na arena esportiva, por meio das “micropolíticas⁵ das arquibancadas” que ensejem conscientizar as juventudes suscetíveis ao engajamento visto como “natural e apolítico” de discursos que flertam com o neofascismo ou neonazismo. É preciso engajar esta população por meio de políticas de juventudes, ao invés de enfrentá-la através de políticas de segurança pública.

Infelizmente, na disputa de narrativas nas arquibancadas, o bloco pró-democracia, de partida parece estar sofrendo alguns revezes no jogo de disputa territorial pelas arquibancadas, que têm ficado cada vez mais distantes das classes populares. No documentário *Geraldinos* (GERALDINOS, 2015), o processo de elitização dos estádios é retratado de forma visceral. A reforma do estádio do Maracanã (estádio jornalista Mário Filho) para receber os grandes eventos esportivos (sobretudo a Copa das Confederações em 2013, a Copa do Mundo em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016), que acarretou na extinção do setor popular conhecido como “geral” (daí o apelido de geraldinos atribuído aos/às seus/suas frequentadores/as), instituiu uma espécie de gentrificação⁶ deste patrimônio arquitetônico, histórico e cultural da cidade do Rio de Janeiro e da humanidade.

A privatização do Maracanã, documentada por *Geraldinos*, escancara o conflito entre as narrativas da modernização e a da democratização do futebol. No documentário, o Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, Marcelo Freixo, lembra que o Maracanã foi construído para a Copa do Mundo de 1950 e que àquela época houve um grande debate na sociedade sobre qual seria o papel do estádio. Segundo o deputado, o fato do estádio ter sido construído em uma área central da cidade é revelador de sua concepção como equipamento público: converter-se em um grande espaço democrático, uma grande arena da democracia. E complementa:

O que a gente tá vivendo hoje no Maracanã, que é esse processo de privatização da cidade, a elitização da cidade que vem acompanhando da elitização dos espetáculos dessa cidade. De alguma maneira mostra também um Maracanã mais pobre, um Maracanã que é pra alguns e não pra todos. É uma mudança que se espelha também na cidade. Reflete também a mudança que a gente tá vendo na cidade. A figura do geraldino, que hoje tá afastada... O fim da geral e o fim de uma concepção de um estádio e é a derrota de um

⁴ “Os estereótipos raciais negativos presentes em piadas e brincadeiras racistas são os mesmos que motivam práticas discriminatórias contra minorias raciais em outros contextos” (MOREIRA, 2019, p. 29).

⁵ Foucault (1981).

⁶ “Processo de valorização imobiliária de uma zona urbana, geralmente acompanhada da deslocação dos residentes com menor poder econômico para outro local e da entrada de residentes com maior poder econômico” (GENTRIFICAÇÃO, 2020).

projeto de cidade (Deputado Federal Marcelo Freixo) (GERALDINOS, 2015).

Em contrapartida, ainda no documentário, o diretor de *marketing* da Concessionária Maracanã, Marcelo Frazão, defende a ideia de que o estádio deve se alinhar ao projeto neoliberal, pois existe uma lógica financeira que indica que a concessão traria vantagens para o Estado e sustenta que, tomando como parâmetro as pessoas que frequentam o estádio e sua atmosfera, “[...] hoje não há um processo de elitização efetiva do Maracanã”. Sobre a geral o diretor argumenta que “[...] é um espaço que eu acho que ninguém tem saudade [...] era um espaço extremamente incômodo pra você assistir os jogos, inseguros, quase insalubres” (Marcelo Frazão, diretor de *marketing* da Concessionária Maracanã) (GERALDINOS, 2015).

Trago mais uma fala do deputado Freixo e outra de um torcedor geraldino para ilustrar a privatização do Maracanã, como exemplo clássico do processo de elitização ou gentrificação dos espaços de sociabilidade urbana:

O geraldino não serve ao novo Maracanã. Ele não é desejado no novo Maracanã. O lugar dele é no *pay-per-view* [programação paga dos canais por assinatura] do subúrbio. Perto da casa dele, longe da cidade-espetáculo que o Rio de Janeiro se apresenta nos grandes eventos (Deputado Federal Marcelo Freixo) (GERALDINOS, 2015).

Eles querem tirar o pobre de tudo quanto é lugar! Eles já tiraram da praia, agora vão tirar do Maracanã. Porque o pobre não tem mais direito de ir pra zona sul, tem que ficar no piscinão. Aí no Maracanã eles não querem o pobre também, o geraldino (Torcedor geraldino Zé Luiz) (GERALDINOS, 2015).

O estádio como reflexo do projeto de cidade, com a privatização dos espaços de sociabilidade e consequente exclusão das camadas empobrecidas, escancara as feridas abertas por projetos neoliberais, antidemocráticos, autoritários e obscurantistas. O processo de elitização que transformou o estádio em um grande balneário turístico, retratado pelo documentário no Maracanã, é reproduzido em vários estádios pelo Brasil. Mesmo em casos como o da Arena Corinthians (no bairro de Itaquera, na zona sul de São Paulo), em que o balneário é instalado em territórios suburbanos, fica evidente que os/as frequentadores/as destes eventos, em sua grande maioria, não são os/as moradores/as das periferias urbanas, que passam a ocupar o entorno das arenas buscando sobreviver como vendedores/as ambulantes nos dias de jogos.

Franco Júnior (2007) traz um relato revelador da ambiguidade dramatizada pelo futebol em sua relação com o neoliberalismo. Na Copa do Mundo dos Estados Unidos, em 1994, os/as comerciantes dos estádios estabeleceram expectativas de vendas baseadas no histórico dos jogos locais e acabaram se frustrando. Para se ter um parâmetro, em Chicago, a venda média de saquinhos de amendoim, em cada jogo da Copa, foi um oitavo da obtida com os jogos de beisebol do time local e o consumo de cervejas foi a metade da proporcionada pelos/as frequentadores/as dos jogos de futebol americano. A conclusão de um dos comerciantes foi emblemática: “[...] os torcedores do futebol [soccer] assistem ao jogo, enquanto os dos *Bears* [time de futebol americano da cidade] estão sempre comprando cerveja em vez de ver a partida” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 188).

O futebol que parecia se mostrar refratário ao modelo neoliberal estadunidense, começa a apresentar suas rachaduras, tornando-se permeável à lógica do mercado em lugares que antes se orgulhavam de ter nesse esporte a grande expressão de democracia que se abria para as classes populares. O jogo, que segundo DaMatta (2006) teria se

transformado no “[...] mais contundente professor de democracia e de igualdade” (p. 142) para os/as brasileiros/as, mostra sinais de que também está suscetível à corrupção, assim como tantas outras instituições. É certo que esta condição de “professor de democracia e igualdade” não pode ser assumida de maneira acrítica, na medida em que expressões de misoginia, racismo, homofobia, LGBTfobia, xenofobia e de outras naturezas de opressão às minorias, sempre estiveram presentes “nas arquibancadas”. No entanto, o jogo pela democracia que transita entre as arquibancadas e as ruas ainda está sendo jogado e é preciso disputar os corações e os pensamentos.

Em uma das teses mais significativas de sua obra, o ensaísta José Miguel Wisnik (2008) nos ajuda a elaborar criticamente o fato do futebol configurar-se em um fenômeno que afeta de maneira tão impactante sociedades pelo mundo afora. Segundo o autor, pela singularidade de sua formulação, o futebol, mais do que outros esportes abre-se para uma margem narrativa que contempla o épico, o trágico, o lírico, o dramático, o paródico, o cômico.

Enquanto esportes como o vôlei, o basquete ou o futebol americano se assemelham, pela lógica de contabilização, que traduz cada momento de jogo em pontos marcados ou jardas conquistadas, o futebol destaca-se por possuir uma margem narrativa mais alargada, contínua e flutuante de acontecimentos que não se contabilizam. Segundo o autor, esta lógica acaba gerando uma sobra significativa que pode ser vista como desperdício pela racionalidade da capitalização. Um jogo de tênis, com suas séries de pontos, games e sets, pode ser visto como a antítese da suposta improdutividade do futebol, reproduzindo e produzindo o corolário da ditadura do tempo produtivo.

Um retrato da ruptura que o futebol representa em relação à grande maioria dos esportes, diz respeito à aceitação social do empate ao final de uma partida. Uma partida de tênis, basquete ou voleibol não admite o empate, alguém precisa vencer para sustentar o imperativo capitalista da meritocracia⁷. No futebol o empate pode até ser frustrante para alguns, mas também carrega os dramas da redenção de uma equipe que se encontrava na iminência de uma derrota ou evocar a resignação daqueles/as que já saboreavam uma vitória e precisam se conformar com o empate. Mais significativo ainda é a possibilidade de elaborar o empate como a legitimidade do “não desfecho desejado”, como no filme em que o/a vilão/ã não é punido/a ou que o/a protagonista/a não tem um final feliz.

O empate em 0x0 é um caso à parte, porque do ponto de vista do produto, expressaria o “não jogo”, quando na realidade pode ser a expressão de um processo marcado pelos encantamentos de dribles, linhas de passe, defesas, desarmes e outros lances que podem marcar a história de forma até mais impactante do que gols. Os “quase gols” de Pelé como o chute do meio de campo e o “drible da vaca” sem pegar na bola no goleiro do Uruguai Mazurkiewicz, na semifinal da Copa do Mundo de 1970, são ótimos exemplos da beleza do “improdutivo”.

Assumir o futebol como “ópio do povo” ou como “professor de igualdade e democracia”, não me parece uma escolha plausível. O futebol não pode ser visto como isso ou aquilo. Franco Júnior (2007) afirma que a interpretação sociológica que assume o futebol como ópio do povo hoje é menos comum, em que pese o fato de que, segundo ele, não se pode negar que a modalidade ainda funcione como uma válvula de escape para tensões e ansiedades que afligem a sociedade contemporânea. “Ao canalizar esperanças e frustrações da sociedade para certos espaços e certos momentos [...] o

⁷ “Forma de liderança que se baseia no mérito, nas capacidades e nas realizações alcançadas, em detrimento da posição social” (MERITOCRACIA, 2020).

futebol parece se assemelhar mais a festas populares, festivais musicais, passeatas, programas de auditório” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 167).

Corroboro a tese do autor e, como já deixei claro, assumo o futebol com essa potência no sentido de elaboração dos dramas sociais, sem que tal relação se estabeleça de maneira arbitrária ou essencialista. Assim como Wisnik (2008), em “Veneno remédio: o futebol e o Brasil”, compreendo que o futebol configura uma manifestação difusa que permite elaborações plurais e transitórias, que não admitem o aprisionamento em conceitos fechados e binários do tipo bom ou ruim, nocivo ou benéfico, anestésico ou emancipador, veneno ou remédio.

Estabeleço assim, um posicionamento em relação ao lugar do futebol em nossa sociedade, que busca deslocar o sentido atribuído a este fenômeno do mundo contemporâneo, do objeto para o sujeito. Ao invés de objetivá-lo convido o/a leitor/a a refletir sobre como o futebol se afigura em seus processos de subjetivação⁸, vislumbrando suas manifestações como veneno, remédio, placebo ou aquilo que lhe caiba, não de maneira essencializada, mas a partir de formulações híbridas e provisórias, sempre sujeitas a revisões.

O futebol, sob este aspecto, pode ser compreendido como prática social (OLIVEIRA *et al.*, 2014), no sentido de se constituir nas tramas decorrentes das e responsáveis pelas interações entre pessoas e destas com o ambiente natural, social e cultural em que vivem.

Na seara desta prática social, semeada por processos de subjetivação, constitui-se um terreno fértil para o cultivo do saber de experiência (LARROSA-BONDÍA, 2002) que se constrói na relação entre o conhecimento e a vida humana. A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre o conhecimento e a vida humana.

O saber da experiência é, portanto, um conhecimento particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, podemos dizer que duas pessoas que participam de ou assistem a um jogo de futebol, não tiveram acesso à mesma experiência. O jogo pode ser um acontecimento comum, mas a experiência é singular, de cada um, e de alguma maneira, impossível de ser repetida. De acordo com Larrosa-Bondía (2002), este saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna, ou seja, o “rótulo” de veneno ou remédio atribuído ao futebol não depende da “dosagem administrada” e sim da forma como cada indivíduo o “consume”.

Para sintetizar a problematização a respeito da temática deste ensaio, que orbitou em torno da mistura entre futebol e política, deixo para os/as leitores/as, como conclusão, a sabedoria da Dona Isaura, personagem da charge do cartunista Junião, que enxerga a relação entre estas duas práticas sociais muito além da estreita visão binária do taxista que a conduz. Veneno ou remédio? Dá para ser as duas coisas.

⁸ São os modos pelos quais somos subjetivados e (des)subjetivados constantemente e nos tornamos sujeitos em um dado momento histórico, sem perder de vista a instabilidade e provisoriade das subjetivações construídas (FOUCAULT, 2012; 2011).

Figura 1: Charge da dona Isaura, do cartunista Junião.

Fonte: Junião (2014).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Senado Federal. **Projeto de Lei nº 2630, de 2020**. Institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. 2020a. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141944>. Acesso em: 04 ago. 2020.

BRASIL. Presidência da República. **Medida Provisória nº 984, de 2020**. Direitos de transmissão e duração do contrato de trabalho de atletas durante a pandemia da covid-19. 2020b. Disponível em: <https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/142594>. Acesso em: 04 ago. 2020.

BSFC. **As propostas do Bom Senso F.C.:** calendário e fair play financeiro. 26 mar. 2014. Disponível em: http://issuu.com/bomsensof.c./docs/caderno_bom_senso_fc_v_final_v3_int. Acesso em: 04 ago. 2020.

CARDOSO, M. Bolsonaro recebe dirigentes em Brasília para debater MP de direitos de transmissão. **Portal Globo, Globo Esporte**, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/df/futebol/noticia/bolsonaro-recebe-dirigentes-em-brasilia-para-debater-mp-de-direitos-de-transmissao.ghtml>. Acesso em: 04 ago. 2020.

DAMATTA, R. **A bola corre mais que os homens:** duas Copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DUNNING, E. **El fenómeno deportivo:** estudios sociológicos en torno al deporte, la violencia y la civilización. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2003.

FLORENZANO, J. P. **A Democracia Corinthiana:** práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: FAPESP; EDUC, 2009.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3:** o cuidado de si. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II:** o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses:** futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Osmar Moreira de Souza Junior

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GENTRIFICAÇÃO. *In*: Priberam: dicionário on-line da língua portuguesa. 2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/gentrifica%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 04 ago. 2020.

GERALDINOS. Direção: Pedro Asbeg, Renato Martins. Brasil: Palmares Produções e Jornalismo, Jackeline Filmes, 2015. (73 min.), HD.

GRILO, R.; NINA, R.; IAMIN, L. A primavera das torcidas antifascistas. **Elástica**, 24 jun. 2020a. Disponível em: <https://elasticaoficial.com.br/especiais/antifascista-protestos-torcidas-futebol/>. Acesso em: 01 ago. 2020.

GRILO, R.; NINA, R.; IAMIN, L. Torcidas antifascistas – as mulheres na linha de frente. **Elástica**, 20 jun. 2020b. Disponível em: <https://elasticaoficial.com.br/especiais/antifascista-protestos-torcidas-futebol-mulher/>. Acesso em: 04 ago. 2020.

HERBERT NETO, H. Democracia partida: a disputa política do futebol na pandemia. **Nexo**, 8 jul. 2020. Disponível em: https://www.nexojournal.com.br/ensaio/debate/2020/Democracia-partida-a-disputa-pol%C3%ADtica-do-futebol-na-pandemia?utm_medium=Social&utm_campaign=Echobox&utm_source=Twitter#Echobox=1594226525. Acesso em: 01 ago. 2020.

JUNIÃO. Dona Isaura nº 095. 11 jul. 2014. 1 ilustração. Disponível em: http://www.juniao.com.br/wp-content/uploads/2014/07/Tira_Dona_Isaura_0095_juniao_11_julho_2014_72.jpg. Acesso em: 27 jul. 2020.

LAGES, L. C. Futebol, igualdade e mulheres em campo: entre dribles, políticas e manifestações. *In*: CORNELSEN, E. L.; BRINATI, F. A.; GUIMARÃES, G. C. **Futebol: fato social total**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2020. p. 79-87.

LANCE. ‘Ele tem que falar de esporte’, diz Caio Ribeiro após críticas de Raí a Bolsonaro. **Portal Lance!**, 30 abr. 2020a. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/ele-tem-que-falar-esporte-diz-caio-ribeiro-sobre-criticas-rai-bolsonaro.html>. Acesso em: 30 jul. 2020.

LANCE. Casagrande defende críticas de Raí ao governo e afirma: ‘Ninguém pode querer censurar a fala do outro’. **Portal Lance!**, 01 maio. 2020b. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/casagrande-defende-criticas-rai-governo-afirma-ninguem-pode-querer-censurar-falar-outro.html>. Acesso em: 30 jul. 2020.

LARROSA-BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LEIFERT, T. Evento esportivo não é lugar de manifestação política. **GQ Brasil**, Colunas, 26 fev. 2018. Disponível em: <https://gq.globo.com/Colunas/Tiago-Leifert/noticia/2018/02/evento-esportivo-nao-e-lugar-de-manifestacao-politica.html>. Acesso em: 01 ago. 2020.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MARTINS, M. Z.; REIS, H. H. B. Cidadania e direitos dos jogadores de futebol na Democracia Corinthiana. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 429-440, set. 2014.

MERITOCRACIA. *In*: Priberam: dicionário on-line da língua portuguesa. 2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/meritocracia>. Acesso em: 04 ago. 2020.

MOREIRA, A. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

OLIVEIRA, M. W.; SILVA, P. B. G.; GONÇALVES JUNIOR, L.; MONTRONE, A. V. G.; JOLY, I. Z. L. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisas

educacionais em espaços sociais. *In*: OLIVEIRA, M. W.; SOUSA, F. R. (org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 29-46.

PISCITELLI, A. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul./dez., 2008.

RAMOS, R. **Futebol**: ideologia do poder. Petrópolis: Vozes, 1984.

REDAÇÃO. George Floyd: o que aconteceu antes da prisão e como foram seus últimos 30 minutos de vida. **BBC News Brasil**, 31 maio 2020a. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52868252>. Acesso em: 04 ago. 2020.

REDAÇÃO. Morte de George Floyd: Onda de protestos em massa desafia toques de recolher em dezenas de cidades nos EUA. **BBC News Brasil**, 31 maio 2020b. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52867574>. Acesso em: 04 ago. 2020.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Recebido em: 04 ago. 2020.

Aprovado em: 27 ago. 2020.